



EDUCOMUNICAÇÃO, REFLEXÃO E VÍNCULOS COMUNITÁRIOS: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO MÍDIA JOVEM

Débora Cristina de Melo Rocha¹

Resumo

Este relato de experiência é uma análise breve e preliminar de como a metodologia da educomunicação estimulou a leitura crítica da realidade, a participação social e o pertencimento dos educandos da segunda edição do projeto Mídia Jovem às comunidades em que eles estão inseridos, tendo como referenciais teóricos os conceitos de educação popular, comunicação popular, protagonismo juvenil e educomunicação.

Palavras-chave: Educomunicação, protagonismo juvenil, pertencimento.

INTRODUÇÃO

É inegável que a sociedade, em especial adolescentes e jovens, se apropriou da linguagem das tecnologias da comunicação no seu cotidiano. A relação entre a população infanto-juvenil e a mídia se estreitou de tal modo nos últimos anos, que a maior parte destes consumidores dos produtos midiáticos passou a ser os adolescentes e jovens. Entretanto, o uso dos meios de comunicação por esta parcela da população é, em geral, muito atrelado ao consumo dos produtos midiáticos e predominantemente como forma de entretenimento.

A demanda deste público de compreender e usar a linguagem midiática impulsionou o surgimento, sobretudo na última década, de inúmeros projetos sociais que utilizam a comunicação como instrumento pedagógico², investindo nas potencialidades do uso educativo da comunicação, inclusive no tocante à apropriação da sua linguagem para a produção midiática por parte de adolescentes e jovens. Do mesmo modo, esta demanda fez crescer a produção acadêmica sobre a intersecção dos campos da educação e da

¹ Fundação Recriando. debora@recriando.org.br

² Diversas ONGs têm desempenhado um papel importante no sentido de disseminar a educomunicação para crianças, adolescentes e jovens em todo o Brasil. Alguns exemplos são a Viração educomunicação, que desenvolve, entre outros projetos a Revista Viração com adolescentes de todo o Brasil; a Escola de comunicação Oi Kabum, desenvolvida em Recife pela ONG Auçuba, entre outras ações desenvolvidas por ONGs como a CIPÓ, na Bahia; a Ciranda, no Paraná; e a Oficina de Imagens em Minas Gerais.

comunicação³, tanto para se fazer entender melhor a aplicação desta metodologia a partir de experiências práticas, quanto para se pensar novos usos para a mesma. Estes aspectos revelam a importância, a atualidade e, sobretudo, a aplicabilidade dos estudos sobre o tema.

A educomunicação, conceito central e que irá permear o desenvolvimento deste artigo, tem suas bases na concepção de Freire (1987), segundo a qual o intuito do processo educativo não é informar, mas formar, libertar. Para Freire (1983), educação não é transferência de saber, mas é diálogo, e, portanto, é comunicação: “Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro do segundo, e a comunicação entre ambos”. (FREIRE, 1983, p. 44) Peruzzo reforça que a comunicação popular é um mecanismo de educação informal, já que torna o indivíduo “*sujeito* de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares” (PERUZZO, 2007).

Ao unificar os significados de educação e comunicação, Freire alicerça o surgimento do conceito denominado *educomunicação* por alguns estudiosos, entre eles Ismar Soares. Segundo este teórico, a educomunicação é um campo de planejamento e execução de políticas de comunicação educativa, tendo como objetivo a criação e o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e por suas tecnologias (SOARES, 2000).

Defino, inicialmente, a educomunicação como sendo o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar a capacidade de expressão das pessoas. (SOARES, 2004)

Soares (2000) ressalta que para ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas, pressupõe-se uma ação educativa que privilegie, entre outros aspectos, o conceito de comunicação dialógica e uma recepção ativa e criativa por parte das audiências.

³ Entre a vasta produção acadêmica sobre o tema, destaca-se o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, referência nos estudos sobre educomunicação no Brasil.



Conhecendo o objeto de estudo

No contexto do surgimento de iniciativas educomunicativas voltadas para meninos e meninas, surgiu em 2008 o projeto Mídia Jovem⁴. Nestes quatro anos de atividades, o projeto atendeu, ao longo de três edições⁵, cerca de 300 adolescentes e jovens sergipanos, preferencialmente estudantes da rede pública de ensino, de 14 a 24 anos que vivem em comunidades populares dos municípios de Brejo Grande, Laranjeiras, São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro e Barra dos Coqueiros, além das comunidades do Santa Maria, Coqueiral, Bairro Industrial e Pantanal. O projeto também foi desenvolvido na Comunidade de Assistência Sócio-educativa São Francisco de Assis (CASE), unidade de medida socioeducativa em meio aberto. Atualmente, o Mídia Jovem é executado pelo Instituto Recriando com a parceria do Governo de Sergipe, Oi Futuro e Sergas.

Ao longo de um ano, os adolescentes e jovens atendidos participam de oficinas de rádio, mídia impressa, fotografia, vídeo e internet. A proposta do projeto é que durante as oficinas os educandos não discutam e aprendam apenas sobre as ferramentas da comunicação, mas que elas sirvam como espaço de discussão de temas sociais que estejam relacionados à realidade em que eles vivem, a exemplo de meio ambiente, cultura, sexualidade, violência e cultura de paz, direitos humanos, entre outros. O debate sobre os temas é pulverizado nas atividades dos oficinas, profissionais de comunicação que passam por um processo de formação continuada, mas também estão presentes em dinâmicas e palestras com especialistas nos temas propostos e com pessoas da própria comunidade.

Ao final de cada oficina, que tem em média dois meses de duração, os educandos elaboram um *produto final*, que reflete as temáticas abordadas em sala de aula (spots, vídeos, fanzines, blogs, fotografias, etc). Assim, das oficinas resultam peças de comunicação alternativa que são distribuídas ou exibidas pelos educandos nas comunidades onde vivem como forma de disseminar os conhecimentos e de potencializar o caráter educativo do projeto. Este tipo de ação pretende fazer com que os educandos se tornem multiplicadores de conhecimentos através do estímulo à participação social dos mesmos.

Este artigo visa realizar uma breve análise sobre os impactos do Mídia Jovem

⁴ Mais informações em www.institutorecriando.org.br

⁵ A terceira edição do projeto teve início em maio de 2012 e está em andamento.



quanto à mudança do olhar dos educandos, sobretudo com relação à própria realidade, apontando como as atividades estimularam o senso crítico dos mesmos e fortaleceram os vínculos entre eles e suas comunidades. Buscaremos, portanto, identificar em que medida o projeto implementou um trabalho pautado nas referências teóricas da educomunicação e como esta metodologia auxiliou no processo de apropriação do conhecimento e do reconhecimento por parte dos educandos em relação ao lugar em que vivem. Para a realização do estudo, foi escolhida a segunda edição do projeto, que atendeu em 2010 e 2011 com adolescentes e jovens das comunidades Santa Maria e Coqueiral, em Aracaju, e dos municípios de Laranjeiras e São Cristóvão.

Como base desta análise, foram considerados 1. texto base do projeto, documento elaborado pela equipe do Instituto Recriando que apresenta as diretrizes metodológicas, objetivos, ações a serem desenvolvidas; 2. Produtos finais elaborados pelos educandos na segunda edição das cinco modalidades de oficinas realizadas e dos quatro pólos onde foi desenvolvida a iniciativa; 3. relatório final das atividades, documento que apresenta as principais ações desenvolvidas na segunda edição do projeto; 4. planejamentos de aulas das oficinas realizadas; 5. entrevista⁶ com três educandos que tiveram uma trajetória significativa ao longo do projeto.

Educomunicação no Mídia Jovem

De acordo com seu texto base, o Mídia Jovem é um projeto social que instrumentaliza adolescentes e jovens de comunidades populares para o uso da comunicação como ferramenta de mobilização e transformação social. Seu objetivo principal é “fomentar uma comunicação social que estimule a autoestima e a participação de jovens sergipanos, promovendo o conhecimento teórico e prático relacionado à produção de mídias alternativas e à discussão de temas transversais relevantes ao pleno exercício da cidadania”.

Desta forma, o Mídia Jovem usa ferramentas da comunicação para “ampliar as possibilidades de empoderamento do público-alvo não só através do acesso ao conhecimento técnico como também do fortalecimento do pensamento crítico”⁷ buscando “desenvolver estratégias pedagógicas para formação dos jovens nas dimensões humana,

⁶ Foi elaborado um instrumento para a coleta de depoimento dos educandos em questão, um roteiro de entrevista (Anexo1).

⁷ Texto base do Projeto Mídia Jovem.

política e técnica”⁸, concepção próxima do conceito de Freire (1987), segundo o qual o papel a educação não é *informar*, mas sim *formar*. Para Freire, a educação é tida como um instrumento de libertação.

Referenciados em Freire, diversos teóricos convergem ao caracterizar as práticas educacionais como aquelas que valorizam as experiências dos atores envolvidos no processo, sejam eles educadores ou educandos, de modo que não haja educador e educando, mas sim educando-educador e educador-educando (FREIRE, 1987, p. 39). Como iniciativa educacional, o Mídia Jovem apresenta este conceito em seu texto base, defendendo que “é princípio do projeto a valorização da interlocução entre educador e educando, enfatizando a importância de ambos na construção do conhecimento”⁹.

Em entrevista, a egressa do projeto, do Pólo São Cristóvão, Adriene dos Anjos Santos, 18 anos, explica como se dava a relação educativa entre educando e educador durante as atividades do projeto:

Era tipo uma conversa, uma roda de debate. A gente conversava e eles [os oficinairos] diziam ‘você sabe isso? Não!’ Então a gente procurava alguém que pudesse explicar e aprofundar aquele assunto. E depois a gente mesmo já sabia falar sobre aquele assunto. [...] O Mídia Jovem não é igual à escola, que a gente senta, assiste a aula e vai embora. A gente conversa, debate, explica os assuntos, fala o que entendeu, o que não entendeu, e o porque disso. Não é tipo uma aula em que você fica ali só ouvindo, ouvindo, e não tem como dar sua opinião. No Mídia Jovem não, a gente tem liberdade de se expressar

Ela aponta a discrepância que existe entre o método adotado pelo Mídia Jovem e o aplicado pela escola formal e lembra o quanto o modelo predominante de educação, que não estimula a participação, é forte e habitua os indivíduos a não expressarem suas opiniões.

A gente passa oito anos estudando no colégio, e nesse período são raros os professores que fazem atividades que permitem que você fale, se expresse e coloque para fora aquilo o que você quer dizer, sua opinião. São oito anos, cinco dias por semana, que a gente passa na escola. É muito tempo! Então a gente é educado daquela forma, que a gente tem que ouvir e aprender daquela forma, que a gente tem que ouvir e levar para casa [...] O Mídia jovem educou a gente de outra forma, educou a gente de uma forma que a gente tem direito a falar, a tirar dúvidas, a mostrar nossas opiniões.

⁸ Texto base do Projeto Mídia Jovem.

⁹ Texto base do Projeto Mídia Jovem.

Adriene demonstra ainda que aprendeu a lição de que é necessário se apropriar do conhecimento para multiplica-lo: “Se a gente não entendeu uma coisa, como a gente vai poder explicar depois? Como a gente pode falar daquilo que não entendeu?”

Ao ressaltar a promoção do debate crítico frente à própria realidade como um de seus objetivos, o Mídia Jovem se apóia no conceito de Kaplun (1985) de que o processo educativo deve estimular uma postura ativa dos envolvidos. Para ele, o papel do educador não é impor conhecimentos, nem transmitir conteúdos, mas sim mediar a troca de saberes, de modo que o educando aprenda a aprender e seja capaz de resolver as questões do cotidiano por si mesmo e que possa superar sua consciência ingênua e elaborar sínteses e posicionamentos de uma consciência crítica. Assim, comunicar é um processo de ação-reflexão-ação que o educando faz de sua realidade, a partir de sua experiência e da sua vivência no contexto em que vive com seus pares¹⁰ (KAPLUN, 1985, p. 53). Esta compreensão permeia o trabalho do Mídia Jovem, como é evidenciado na metodologia texto base do projeto:

O Mídia Jovem trabalha a partir da ação e reflexão, partindo do conhecimento particular que cada participante traz do seu cotidiano para socializar em sala de aula. Construindo ou reconstruindo esse conhecimento, trabalham coletivamente valores necessários para o desenvolvimento social local.

O projeto entende a construção de peças de comunicação como um processo de aprendizagem. Assim, mais importante para o projeto não é a elaboração do produto final de cada oficina nem a sua disseminação, mas o seu *processo* de construção. É nesse processo que o educando apreende conceitos importantes tanto do ponto de vista técnico, quanto dos temas relacionados à sua realidade. Assim, a realização de uma entrevista com um morador da sua comunidade, por exemplo, se torna um exercício de descoberta e de valorização do seu local de origem. Do mesmo modo, ao escrever um roteiro de programa de rádio sobre a criminalização da pobreza, os educandos aprofundam seus conhecimentos e suas reflexões acerca do tema. Esse aspecto fica claro no depoimento de Adriene:

¹⁰ Un proceso de acción-reflexión-acción que él hace desde su realidad, desde su experiencia, desde su práctica social, junto con los demás.

No Mídia Jovem, a gente mesmo teve o papel de pesquisar, de saber a história como foi, quem participou, quem foram as pessoas, conhecer alguns moradores antigos, bem velhinhos, que fizeram parte da história. [...] O método de ensino foi totalmente diferente: o modo de ensinar, de levar pessoas para dar palestra, de nos levar na casa daquelas senhorinhas [...] Elas conversaram, contaram a história, falaram de São Cristóvão... Foi uma forma diferente de aprender, uma forma que a gente aprende e não esquece!

Como no modelo adotado a ênfase se dá no processo (KAPLUN, 1985), o elemento prioritário para o projeto é a abordagem pedagógica dos conteúdos de forma a suscitar os debates de maneira leve e descontraída, fazendo o uso de dinâmicas reflexivas, exibição de filmes, escuta de programas radiofônicos e músicas, visitas guiadas, palestras¹¹ e debates com especialistas, entre outras estratégias de envolver os educandos no processo educativo.

Os três entrevistados apontam a importância desses elementos para o processo educativo. A ex-educanda do pólo Coqueiral, Suellen Ferreira de Souza, 15 anos, explica “[os oficinairos] brincavam, mas de uma forma técnica, passavam tudo de uma forma técnica, mas brincando com a gente. [...] Quando ele [o oficinairo] jogava a técnica e a gente não entendia, ele jogava para a vida da gente, dava um exemplo da vida da gente, aí a gente se identificava com aquilo”. Adriene também reforça o papel da dinâmica enquanto instrumento pedagógico

Um método que não se usa em lugar nenhum são as dinâmicas. A gente faz aquela dinâmica, brinca e acha que tá ali só brincando. Depois que acaba a dinâmica, que a gente já se divertiu, é que vai entender o que ela quis dizer. [...] As dinâmicas podem ser usadas principalmente para isso: para educar de outra forma, para falar sobre um assunto de forma divertida!

Quando questionado sobre quais atividades agradavam mais no projeto, o educando do pólo Santa Maria, Danilo de França Bomfim, 19 anos, também contou que gostava “das dinâmicas porque não ficava só na questão da conversação, podia trabalhar a expressão, agitava um pouco mais e não deixava a aula parada”.

Em sua entrevista, Adriene destaca ainda a importância da identificação do educando com o trabalho final. Quando o educando compreende como e para que aquele

¹¹ Ao longo de um ano de projeto, foram realizadas 34 palestras, incluindo os quatro pólos de atividades.

conhecimento adquirido será utilizado, certamente se empenha e *se apropria* daquilo como *seu*. No final do trabalho, ele se identifica com o resultado, pois se reconhece e reconhece o seu esforço naquele produto final. Assim, sobre a produção do fanzine, durante a oficina de mídia impressa, ela explica: “Quando a gente lia aquilo que a estava escrito, lembrava que foi a gente que escreveu, porque a gente tinha aprendido”.

A construção de peças de comunicação alternativas, resultado final as oficinas, abre espaço para um questionamento: *alternativas a quê?* Se são alternativas, pressupõe-se que elas estão em oposição a um modelo de comunicação vigente, que privilegia os interesses dos grupos dominantes política e economicamente, como ressalta Downing (2002), ao desenhar o conceito de “mídia radical”. A oposição à mídia hegemônica feita pelas formas radicais de comunicação é observada especialmente no que se concerne às temáticas abordadas, que abrem espaço para tópicos não prioritários na agenda da grande mídia, se opondo a um ou mais elementos dessa pauta. (DOWNING, 2002, p. 39).

Essa mesma mídia hegemônica aborda a realidade dos educandos do Mídia Jovem – e de tantos adolescentes de comunidades populares e periféricas das grandes cidades – pela perspectiva de quem não vivencia esta realidade, apontando geralmente para um olhar que ressalta a violência e a exclusão social e que não representa a totalidade daquele grupo social. Desta forma, a produção de peças de comunicação contra-hegemônicas pressupõe uma leitura crítica dos meios de comunicação por parte dos educandos.

Enquanto bases para a produção de peças midiáticas que se opõem em alguns aspectos ao modelo vigente de comunicação, a leitura crítica da mídia é um elemento fundamental durante a realização das oficinas, ainda que seja considerado transversal e permanente ao longo de todo o projeto. Na busca de promover este tipo de debate, diversas atividades foram desenvolvidas pela segunda edição do projeto. Uma delas foi elencada pelo ex-educando Danilo como sendo a que mais marcou sua passagem pelo projeto. Desenvolvida durante a oficina de rádio, a atividade girou em torno da abordagem do caso do seqüestro do ônibus 174, caso que teve muito destaque na mídia, cuja abordagem se assemelhou à de um reality show. A aula lembrada por Danilo, teve como gancho a exibição do filme “Ônibus 174”, que serviu como pano de fundo para discutir a criminalização da pobreza pela mídia.

Eu já tinha visto o filme e achava que ele [Sandro, protagonista do filme] tinha sido errado porque ele deixou as pessoas presas, sequestrou. Mas ninguém mostrou que ele se sentiu pressionado pela questão social. A gente não tá atento a essas coisas... Ela [a oficina] falou uma frase que abriu mesmo meus olhos para a análise crítica da mídia. Ela usou a frase: coloque uma lente para ver além do que vocês vêem. Eu passei a ter uma visão completamente diferente... [...] ‘Ah, era um favelado que foi assaltar o ônibus’, mas não foi isso o que aconteceu. A mídia procura mostrar o que interessa a ela, o que dá mais audiência.

Adriene também destaca uma atividade, entre tantas, que teve como objetivo causar reflexão acerca do papel desempenhado pela mídia em nossa sociedade. A atividade consistiu num debate a partir da escuta guiada da música “Admirável chip novo” da cantora Pitty.

A gente conhecia e tudo mundo cantou. Depois, ela [a oficina] desligou o som e nós fomos detalhando frase por frase da música. Conforme ela foi explicando, a gente foi entendendo que aquilo ali estava representando a mídia (...) Ela falou que a gente tinha que ver a mídia com outro olhar.

Para Kaplún (1985) o estímulo à multiplicação das práticas vivenciadas, à atuação, ao protagonismo e à replicação das atitudes são essenciais para o processo educativo. Esta concepção dialoga com o conceito de Costa (1996) de *protagonismo juvenil* como “uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política onde estão inseridos”. (p. 65)

De acordo com o texto base do projeto, um dos objetivos do Mídia Jovem é estimular nos educandos a participação social, para que eles se tornem multiplicadores dos conteúdos apreendidos e mobilizadores na comunidade em que vivem. Neste sentido, os adolescentes entrevistados demonstraram que estão movimentando os espaços sociais dos quais fazem parte. Adriene se tornou monitora¹² da terceira edição do projeto, enquanto Suellen passou a integrar um grupo de dança de rua na comunidade e hoje faz parte do Grêmio Estudantil, ocupando o cargo de Diretora Social. Já Danilo passou a fazer parte do Centro Acadêmico de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Sergipe, sendo o responsável pelas ações de comunicação da entidade estudantil. Danilo conta que no período em que

¹² Ex-educandos do projeto, os monitores servem de ponte entre os educandos e o educador, entre a realidade local e a equipe do projeto. Por serem também adolescentes ou jovens e viverem em situação similar à dos educandos, geralmente estes criam uma relação de identificação com os monitores.

participava do projeto ele e outros educandos tentaram instituir um grêmio, porém a maioria dos envolvidos estava no último ano da escola e o projeto foi inviabilizado. Mas isso não impediu que Danilo permanecesse envolvido com as questões estudantis dentro do bairro. Ele está auxiliando um grupo de adolescentes, entre os quais estão outros egressos do Mídia Jovem, a montar um grêmio no Centro Experimental Vitória do Santa Maria, escola onde estudou.

Educomunicação, participação e pertencimento

De acordo com o relatório de atividades do projeto¹³, o estímulo ao exercício da cidadania foi o fio condutor de todas as etapas de desenvolvimento do Mídia Jovem e “pode ser visto, ouvido e sentido em todos os produtos de comunicação confeccionados coletivamente pelos educandos do projeto”. Das 24 oficinas¹⁴ realizadas na segunda edição do projeto, foram elaborados três programas de rádio; 21 spots; uma radioreportagem; 11 Blogs; uma Rede Social; oito documentários; quatro exposições fotográficas; cinco fanzines e um Jornal-mural.

Quanto às temáticas¹⁵ abordadas nos produtos, o que se percebe é a predominância absoluta de temas que estão relacionados à vivência dos educandos, seja por estarem ligados à própria juventude - como gravidez na adolescência ou bullying - seja por estarem relacionados à comunidade/bairro/município onde eles vivem. Quando sistematizados e categorizados os temas, percebeu-se que 34 deles citaram diretamente as comunidades em que os educandos estão inseridos, sendo que destes, 24 abordam especificamente a relação de pertencimento ao local em que os educandos vivem, seja por aspectos culturais - como o patrimônio imaterial - seja por aspectos sociais - como história de resistência do bairro. Além destes 34 temas analisados, percebeu-se ainda a presença significativa, em 16 produtos, de assuntos que se relacionam indiretamente à comunidade, mas que não necessariamente citavam situações que a envolvessem, como é o caso do tema criminalização da pobreza.

Entre todos os produtos elaborados pelos educandos, dois deles se destacam no

¹³ O relatório usado como base apresenta o resumo das atividades desenvolvidas durante a segunda edição do Mídia Jovem e foi elaborado pela equipe multidisciplinar do projeto.

¹⁴ Foram realizadas quatro oficinas de cada uma das mídias abordadas na segunda edição - mídia impressa, fotografia, rádio, vídeo, web e animação - de modo que cada um dos quatro pólos recebeu as seis oficinas. Assim, ao todo foram 24 oficinas.

¹⁵ A lista completa de temas abordados nos produtos finais das oficinas segue em anexo (Anexo2)

tocante ao pertencimento à comunidade, principalmente porque ambos não surgiram como atividade extra. O primeiro deles é a segunda edição do fanzine *Levante sua Voz*. Elaborado pelos educandos do pólo São Cristóvão, o zine aborda exclusivamente a temática da cultura local, e apresentou os temas Preservação e conservação patrimonial; tombamento de prédios e a vida dos moradores locais; Praça São Francisco: patrimônio da Humanidade; Guia turístico de São Cristóvão; grupos folclóricos de São Cristóvão; personalidades e personagens da cidade. A segunda iniciativa, realizada também pelos educandos de São Cristóvão em parceria com a Subsecretaria de Patrimônio Histórico e Cultural, foi a produção do vídeo documentário *Vozes da Velha Capi*, que conta histórias de São Cristóvão a partir da perspectiva de personagens históricos da cidade, em especial aqueles que estão na terceira idade.

Outro produto que evidenciou o fortalecimento dos vínculos entre educandos e comunidade em todos os pólos foram as exposições fotográficas. As exposições trouxeram à tona o resultado de um exercício diário realizado ao longo de dois meses, o de olhar para a mesma coisa de maneira diferente. Quando questionada sobre quais elementos positivos passou a identificar na comunidade a partir do projeto, a ex-educanda Suellen respondeu prontamente “as belezas do bairro! O rio... Acho que ninguém tinha visto aquele sol, aquela vista de lá de cima do morro... É muito bonito!”. Sobre o exercício de mudança de olhar durante a oficina de fotografia, a ex-educanda Adriene conta que “começou a ver as coisas com outro olhar, a ser sensível” e sintetiza o sentimento de pertencimento construído

Nós, moradores de São Cristóvão, a gente passa pelas igrejas, pelas praças todos os dias. Os mais antigos, tinham esse pertencimento, mas nós, mais jovens [...] não tínhamos um olhar sensível. A gente passava pelas igrejas e achava que aquilo era uma coisa feia, velha, [...] uma coisa que não pertencia à gente, que pertencia aos velhos. O Mídia Jovem, em geral, em todas as oficinas, desde a primeira até a última nos mostrou que aquilo era nosso, que era muito lindo, muito lindo mesmo (hoje em dia eu falo muito); que a gente tinha que ter pertencimento da nossa cidade, porque se a gente não defendesse nossa cidade, quem iria defender? [...] O Mídia ajudou a gente a ver o que tava na nossa frente, aquilo que a gente não tava conseguindo enxergar, como se tivesse uma barreira. A gente não queria na verdade era enxergar e ele ajudou a gente a ver aquilo de uma outra forma.

O jovem Danilo, que mora no bairro Santa Maria, ressalta que um dos aspectos que fortalecem o estereótipo do bairro é a abordagem da mídia sobre ele, de maneira

descontextualizada, ressaltando principalmente seus aspectos violentos, como sendo os únicos elementos presentes na comunidade.

Acho que a mídia não faz uma análise positiva do bairro, porque eles só mostram a questão da violência e não é só no Santa Maria que existe violência. [...] Tem projetos desenvolvidos no bairro que são legais, a escola tem uma estrutura boa, os moradores não precisam sair do bairro para ter uma educação boa. Há também a questão de valores culturais do bairro.

Suellen reforça a visão de Danilo e conta que o preconceito sobre o local em que se vive algumas vezes está dentro do bairro. “Antes eu não andava no coqueiral [...] Meu pai dizia ‘não vá não’. Já era influenciada de casa, que o bairro era isso, que o bairro era aquilo”. Ela conta que, no entanto, sua visão mudou e ela passou a ter orgulho do local em que vive.

O bairro, mesmo sendo tudo o que os outros falam, para a gente é uma coisa boa. É onde a gente mora, a gente tem que ter orgulho de onde a gente mora. A gente não pode dizer assim ‘eu moro no Coqueiral, mas finjo que não moro, finjo que moro na Atalaia’. Não! Eu tenho que dizer assim [...] ‘eu sou uma moradora do Coqueiral, eu vivo aquela realidade!’

Questionado sobre “quem era Danilo em setembro de 2011 e quem é Danilo hoje?”, o jovem materializou em seu exemplo os principais objetivos do Mídia Jovem,

Danilo era um menino que assistia novela e acreditava em tudo o que diziam, não opinava. Até opinava, mas não com uma visão crítica. Agora Danilo é um menino que procura ouvir os dois lados, tem uma visão crítica melhor, até porque desenvolvi, aprendi isso. Também aprendi a lutar pelos meus direitos [...] e correr atrás para ajudar minha comunidade.

CONCLUSÃO

Na prática da educomunicação, o resultado mais valioso é a descoberta crítica da realidade dos indivíduos envolvidos no processo e a consequente adoção de uma postura de transformação diante da mesma.

Ao serem estimulados por meio de atividades dinâmicas e reflexivas e de um

método de valoriza a expressão e a interlocução entre os atores envolvidos no processo educativo, os adolescentes e jovens que integraram a segunda edição do projeto Mídia Jovem passaram a olhar para suas próprias comunidades e encontrar o que as imagens da TV, muitas vezes, deixam de lado: as belezas, os desafios e as formas de superação destes desafios.

E neste sentido, os educandos se apropriaram das ferramentas da comunicação para disseminar um outro olhar sobre a própria comunidade e sobre as suas próprias realidades, dentro ou fora de seus bairros, desafiando a abordagem da mídia hegemônica sobre os mesmos temas propostos por eles. E a adoção dessa atitude não seria possível sem ter havido uma aproximação entre estes jovens e suas comunidades.

A adoção dessa atitude não seria possível se não houvesse um estreito diálogo entre os conceitos teóricos relacionados à concepção de educomunicação e a práxis das ações desenvolvidas no Mídia Jovem, de modo que a metodologia adotada pelo projeto se configure uma maneira de se fazer educomunicação.

Referências Bibliográficas

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

DOWNING, John. D. H.. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: SENAC, 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL, 1985.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Alfabetização e Educomunicação**: O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. 2004. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=138&Itemid=99999999 (acesso em 03 de agosto de 2012)

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos Estados Unidos**. In ECCOS, São Paulo: Uninove, 2000. p.61-80.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação comunitária e educação para a



cidadania. In: BARBOSA, Marialva (org.). **Vanguarda do Pensamento Comunicacional Brasileiro**: as contribuições da Intercom (1977-2007). São Paulo: Intercom, 2007.

Anexo 1 – Roteiro de entrevista

1. Faça um resumo do que você aprendeu ao longo do período em que você participou do Mídia Jovem. (técnica e temática)
2. Desses conhecimentos, quais são mais úteis? Por que?
3. Que atividades te chamavam mais a atenção ou te agradavam mais no projeto? Por que?
4. Cite uma atividade que você lembra de ter despertado o olhar crítico com relação à mídia e explique porque.
5. Cite uma atividade que você lembra de ter despertado o olhar crítico com relação à sua comunidade e explique porque.
6. Como você via sua comunidade no início das atividades do Mídia e como você vê agora?
7. Depois do Mídia Jovem, que outras atividades você vem desenvolvendo no seu bairro/escola/grupo de amigos...?
8. Quem era você no início do projeto e quem é você hoje? O que mudou em você nesse período, seja no seu modo de pensar, seja no seu modo de agir?

Anexo 2

Lista completa de Temas abordados nos produtos finais das oficinas:

Mídia Impressa: A mercantilização do corpo da mulher; Ditadura da beleza; Bulimia e Anorexia; Reciclagem e coleta seletiva; reaproveitamento de alimentos, a valorização da música popular sergipana; esporte, arte e cultura no Santa Maria; Gravidez na adolescência; estigmatização X valorização do bairro Santa Maria; Cultura de rua (hip hop); respeito às diferenças; História e resistência do bairro Coqueiral; Cultura de rua; maus tratos a animais; prevenção de DSTs e gravidez indesejada; preservação do mangue (vegetação local); reciclagem; importância do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) no bairro; Patrimônio histórico de Laranjeiras; Gravidez na adolescência; a experiência do Mídia Jovem e leitura crítica da mídia; esporte é vida; machismo no relacionamento amoroso entre adolescentes; prevenção à drogadição; violência contra crianças e adolescentes; falta de coleta seletiva em São Cristóvão; Trabalho infantil; reaproveitamento de alimentos; preservação do Rio Paramopama; Preservação e conservação patrimonial; tombamento de prédios e a vida dos moradores locais; Praça São Francisco: patrimônio da Humanidade; Guia turístico de São Cristóvão; grupos folclóricos de São Cristóvão.; personalidades e personagens da cidade; História e cultura de Laranjeiras; Álcool na vida do jovem; Bullying e cultura de paz; leitura crítica da indústria cultural musical; mercantilização do corpo feminino; gravidez na adolescência e as consequências para a vida escolar e social; grupo penitentes (cultura local); o movimento teatral em Laranjeiras;

Rádio: Bullying; drogas nas escolas; tolerância musical e cultura de paz; cotas universitárias; criminalização da pobreza; análise crítica da mídia na abordagem das periferias; Literatura sergipana; cultura popular sergipana (temas e artistas locais); análise de mídia; direitos humanos (direito a resistência); pertencimento cultural; importância das bibliotecas nas escolas; movimento hip hop e cultura urbana; cinema sergipano (produção audiovisual local); reciclagem; Alcoolismo; Prevenção ao uso de drogas; Folclore de São Cristóvão; Gravidez na adolescência; Prevenção à AIDS; Paz nos estádios de Futebol; Praça São Francisco – Patrimônio da Humanidade; Bullying; Cuidados com a voz; Resgate cultural de Laranjeiras; Prevenção ao uso de drogas; Gravidez não planejada; Anabolizantes e bulimia; Banda local Sisal roots;

Web: Webchat; bandas de garagem e novas bandas; energias renováveis; influência do rock na música brasileira; Novas tecnologias; cultura de rua; preservação do meio ambiente; drogadição; tolerância e combate a preconceitos; Resgate cultural de São Cristóvão; preservação da mata do junco e do macaco guigó; cultura, entretenimento, saúde; turismo
Vídeo: Gravidez na adolescência e suas implicações; apoio da família para dependentes químicos, drogadição; saúde pública; preservação do folclore; educação em São Cristóvão; Encontro Cultural de Laranjeiras; Cândido Aragonês;

Fotografia: Cotidiano daqueles que vivem na comunidade; cotidiano do Bairro coqueiral; Patrimônio histórico; Patrimônio material e imaterial.

Animação: Reciclagem; Fome no Brasil; Alcoolismo; Preservação dos Mangues; Respeito às diferenças; Bullying; Abuso sexual; Diversidade; preservação do Rio Cotinguiba.